

8. Basta um sim para mudar a vida

por Julián Carrón*

Neste momento, poderia surgir uma objeção: Dom Giussani ama Jesus, enquanto eu, infelizmente, não o amo ou não o amo como ele o ama, como lhe diziam alguns alunos: «*Vê-se que o Giuss ama Jesus e eu, pelo contrário, não o amo da mesma maneira*». Dom Giussani responde afastando qualquer argumento: «Por que razão vocês se opõem? O que é que vocês opõem? Por que opõem aquilo que vocês não terão àquilo que eu terei? Porquê, o que terei eu? Eu tenho este *sim* e basta, e a vocês não custaria nem sequer uma vírgula a mais do que custa para mim. A vossa objeção erra o alvo, ou melhor, revela a procura de uma desculpa, de um pretexto. Os vossos proclamados e publicamente reconhecidos defeitos e erros [...] são um pretexto para não dizer “sim” a Jesus. Dizer “sim” a Jesus. [...] Não há nada de mais simples: “Eu não sei como é, não sei como será: sei que tenho de dizer “sim”. Não posso deixar de o dizer”. Eu poderia dizer “não”, poderia tê-lo dito aos sete anos: aos sete anos uma pessoa pode ser orgulhosa a ponto de negar (aos sete anos pode-se negar); aos quinze, é pior; aos vinte, *comme ci comme ça*; depois chega: uma pessoa ou é simplesmente, abertamente, conscientemente impostora, ou então diz-se “sim”».¹

Nós fazemos muitas imagens enganadoras deste «sim». Mas para o dizer, não são necessárias nenhuma coragem ou capacidade particulares: é suficiente ir atrás daquela simpatia que nasce d’Ele. O «sim» nasce da experiência inconfundível de correspondência, jorra do reconhecimento de uma Presença ligada ao próprio destino. O «sim» só implica a sinceridade de admitir a correspondência experimentada, de ceder à evidência de um olhar único sobre a própria vida. É deste modo que Deus se justifica diante do nosso coração.

Tentemos agora – terminado este percurso – fazer a comparação entre o método de Deus testemunhado pelo «sim» de Pedro e o método que estamos a usar, mais ou menos conscientemente, com nós próprios e com os outros. De onde esperamos a nossa mudança e a dos outros? Que método usamos? Com que métodos nos surpreendemos a agir? Com o de Deus? Se não é assim, se não prevalece esse método, sucumbimos ao dualismo; de modo que o «sim» de Pedro – mesmo que considerado com admiração – é reduzido a piedade, a devoção, a sentimentalismo religioso, até mesmo a intimismo, e para viver, para enfrentar a situação, as relações, a vida social e cultural, usamos «outra coisa».

Giussani tinha-nos advertido destas coisas há já algum tempo, no longínquo ano de 1977! «Que a salvação seja Jesus Cristo e que a libertação da vida e do homem, aqui e no além, esteja ligada continuamente ao encontro com Ele, para muitos de nós tornou-se uma recordação “espiritual”». Tal e qual. «O concreto seria outra coisa».² »

* Do livrinho dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» O dualismo evidencia-se na mudança de método: prescindimos da história particular originada por Cristo como método para transmitir a concepção cristã do homem, para despertar a sua adesão, a sua moralidade, e apontamos para outra coisa. Quer dizer, por um lado, reduz-se o alcance do encontro com Cristo e, por outro, conseqüentemente, confiamo-nos, com afã ou presunção, ao que nós sabemos fazer, de acordo com os esquemas de todos.

É como se a fonte de uma cultura nova fosse o nosso esforço inteligente de análise e de desenvolvimento e não pudesse, de modo algum, ser uma «história particular», o *affectus* por um facto, pelo acontecimento de Cristo presente. E, quando é assim, inevitavelmente os critérios e as perspectivas de juízo são emprestados por aquilo que o «supermercado» do mundo nos oferece, ainda que não nos demos conta disso. Tendo reduzido o encontro a uma inspiração espiritual ou a uma emoção, vamos buscar a outro sítio os fatores do nosso olhar sobre a realidade. E assim se insinua em nós o dualismo.

Ao passo que «consciência nova e moralidade nova», insiste Dom Giussani, «têm a mesma origem. Para Simão, filho de João, e para Paulo, a origem da consciência nova é idêntica à origem da sua moralidade: um Acontecimento presente».³

A origem de uma cultura verdadeira e de uma moral nova é um acontecimento, um ponto específico, uma Presença cheia de atração, e o apego a esta. Para começarmos a perceber isto, bastava olhar com um mínimo de lealdade para aquilo que aconteceu a cada um de nós. Não é graças a um esforço nosso que passamos a reconhecer dimensões e profundidades do humano que antes não víamos ou recusávamos, que nos surpreendemos capazes de gestos que antes nem sequer imaginávamos: foi graças a um encontro, que se renovou no tempo e ao qual aderimos.

Foi o encontro com Cristo, através de uma determinada realidade humana, que nos abriu os olhos, que escancarou a nossa razão, ultrapassando medidas e preconceitos, e que mudou a nossa maneira de tratar tudo. E aquilo que aconteceu conosco é a única saída também para os outros. Hoje vemo-lo com clareza: não basta uma insistência sobre a antropologia cristã para mudar a forma de olhar do homem; não basta a simples repetição do conteúdo da moral cristã para mudar o modo de relação com a realidade. Tivemos de esperar que o Mistério se fizesse carne, que acontecesse um encontro na nossa vida, pois sem a Sua presença, sem a presença de Cristo aqui e agora, a antropologia cristã e a moralidade cristã não se enraízam em nós. É aqui que se decide se seguimos aquilo que Cristo nos mostrou ou não. Muitas vezes, prescindindo do modo como Cristo faz as coisas, achamos que podemos chegar aos outros de outra forma. E, todavia, é preciso que aconteça o mesmo facto que aconteceu conosco, que aconteceu com Pedro, e é preciso que o homem o reconheça e o acolha, tal como nos aconteceu no início do caminho e como não pode ser de outra maneira em nenhum outro ponto do percurso. É disto que nasce a imitação de Deus.

¹ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*. Milão: BUR, 1999, p. 203-205.

² L. Giussani, "Viterbo 1977". In Idem, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, p. 96.

³ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 78.